



Turismo e imaginário no Distrito Federal: impressões de “quase-turistas”¹

Ivany Câmara NEIVA²

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O artigo trata de expressões do imaginário sobre Brasília, Distrito Federal e sobre Turismo. Essas representações foram buscadas tanto na mídia quanto junto a estudiosos desses temas, bem como junto a estudantes de Comunicação Social e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília (situada em Águas Claras / DF, a cerca de vinte quilômetros de Brasília). Definições oficiais são confrontadas com aquelas interpretações expressas pelos universitários.

PALAVRAS-CHAVE: turismo local; turistas; Distrito Federal; Brasília; imaginário.

1. Brasil, capital Brasília³

Deve andar cansada essa Brasília que todo ano tem de se submeter a um teste de qualificações...
Conceição Freitas⁴

Brasil, capital Brasília. Está nos mapas, nos guias de viagem, em documentos oficiais, na mídia, está em nosso cotidiano e imaginário.

Neste ano de 2010, completam-se cinquenta anos da transferência do Distrito Federal brasileiro, do litoral para o interior. Ou, como vem sendo preferencialmente registrado na mídia, comemora-se o cinquentenário da inauguração de Brasília, capital do Brasil desde 1960.

Além dos desafios da política local, marcada recentemente por expressivo descrédito por parte da população⁵, o cinquentenário de Brasília tem trazido à tona peculiaridades administrativas do DF que têm contraponto no imaginário social exposto, a todo momento, pelos moradores desse “território federal” que abriga a capital do país.

Vem se observando, ao longo do tempo e também no DF, que a comunicação e a geografia do cotidiano ressignificam nomes e fronteiras: a nomenclatura e a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Hospitalidade e Turismo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em História Cultural pela UnB. Professora e pesquisadora do Centro de Excelência em Turismo / CET, UnB. Participante do Núcleo Turismo e Sustentabilidade, do CET/UnB. Email: neiva3@terra.com.br.

³ Lembrando ORICO, Osvaldo. **Brasil, capital Brasília**. Brasília: Novacap, 1958.

⁴ FREITAS, Conceição. **Só para sonhadores**. Brasília, Correio Braziliense, 10.04.2005. p. 30.

⁵ Condutas de políticos do DF vêm sendo objeto de ampla cobertura da mídia, com forte repercussão local e nacional. Ver “Pela primeira vez um governador é preso no exercício do cargo em plena democracia”. Disponível em <http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1487566-17665-313,00.html>. Acesso em 07.03.2010.



classificação dos locais do DF, partilhadas por seus moradores, ultrapassam preceitos legais da divisão administrativa. Oficialmente⁶, o Distrito Federal é um território autônomo do Brasil (assim como a União, os Estados e os Municípios) onde se localiza a capital do país – Brasília. Organiza-se em Regiões Administrativas⁷ que, atualmente, totalizam 30⁸ – Brasília e mais 29.

No dia-a-dia dos moradores, na mídia e na academia, convivem expressões diferenciadas: fala-se da Cidade, de cidades, bairros, regiões administrativas, e do Plano Piloto (*plano* traçado por Lúcio Costa para a sede da capital).

Sejam quais forem as imagens, os nomes e os limites usados, a *vida real* da cidade, e do DF, vai sendo reconhecida e expressada. O Distrito Federal cerratense⁹, presente como “futuro” nos mapas antigos, e Brasília, capital brasileira de cinquenta anos de inaugurada e três séculos de proposta, vão aparecendo com suas faces em construção, com seus habitantes e suas paisagens que vão se transformando. Seus nomes e limites itinerantes expressam um imaginário também vivo, mesclado e em transformação.

Voltamos a textos veiculados pela mídia em Brasília, datados dos últimos dez anos, e que, ao mesmo tempo em que são “formadores de opinião” sobre a imagem do DF e da capital, registram esses diferentes olhares.

No ano 2000, simbólico porque concentrava comemorações de 500 anos de Brasil e 40 de Brasília, várias reportagens falavam da história presente da capital.

A jornalista Rovênia Amorim, na matéria “Eu amo Brasília - muito mais que o Plano”¹⁰, dá espaço à persistente discussão sobre as formas legalmente corretas de chamar os lugares do DF, e outras adotadas no cotidiano.

São citados resultados de pesquisas de opinião como aquela realizada em 2000 pela WHO Pesquisa e Informações, por encomenda do jornal Correio Braziliense, em que foram ouvidas 1200 pessoas que moravam há pelo menos cinco anos no DF. Dessas pessoas, 74,3% diziam “morar em Brasília”¹¹.

⁶ Artigos 1º e 18 da Constituição Federal (1988); art.8º da Lei Orgânica do Distrito Federal (1993).

⁷ Art.10 da Lei Orgânica do Distrito Federal (1993).

⁸ São as seguintes: Brasília, Gama, Taguatinga, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Cruzeiro, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Lago Sul, Riacho Fundo, Lago Norte, Candangolândia, Águas Claras, Riacho Fundo II, Sudoeste / Octogonal, Varjão, Park Way, Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (Estrutural), Sobradinho II, Jardim Botânico, Itapoã, Setor de Indústria e Abastecimento, Vicente Pires.

⁹ “Cerratense” é uma palavra criada pelo historiador e poeta Paulo Bertran para denominar quem nasceu ou quem adotou como “sua” a região do cerrado. BERTRAN, Paulo. **Cerratenses**. Brasília: Verano, 1998.

¹⁰ AMORIM, Rovênia. **Eu amo Brasília** - muito mais que o Plano. Brasília. Correio Braziliense. 09.07.2000. p. 13.

¹¹ Idem.



São entrevistadas pessoas comuns, administradores, especialistas e professores como Adalberto Lassance e Aldo Paviani. Lassance defende a necessidade da correção nos termos. Paviani entende que “Brasília é o DF urbano. [...] A população tem sentimento acertado. Vá ao Gama e veja as placas dos carros. São todas de Brasília...”. Não só as placas de carro, mas também as de sinalização, os registros de nascimento, os letreiros dos ônibus – lembram os entrevistados¹².

Ponderando imaginário e cartografia, o historiador Paulo Bertran dizia aceitar as denominações apropriadas por tantos brasileiros: “a auto-identificação da população como sendo moradores de uma ‘grande Brasília’ tem a ver com a história da Capital Federal. [...] Ninguém fala até hoje, quando viaja, que mora no DF. Todo mundo mora é em Brasília”¹³.

Agora em 2010, artistas locais têm se mobilizado para comemorar os cinquenta anos de Brasília. Foi o caso do Movimento “Cinqüentão”, que no dia 21 de abril promoveu a ocupação poética do novo prédio construído para sediar a Câmara Legislativa¹⁴. Na rede presencial e virtual de propostas de comemorações do cinqüentenário, o que tem estado presente é todo o DF, embora se fale em “Brasília”. Isso aparece na mensagem do artista Rômulo Andrade:

Nossos estandartes estão no ar...
Cada um que pense sua relação, seu caso de amor com a Cidade
- lembrando que quando dizemos cidade,
não se trata só do Plano Piloto.
Eu por exemplo moro no Paranoá,
mas me considero cidadão brasiliense.
Os sonhos não envelhecem.¹⁵

Nesse sentido, volto ao artigo publicado pela socióloga Bárbara Freitag no ano 2000¹⁶. Lembrando as “cidades invisíveis” descritas por Ítalo Calvino, a autora interpreta que também Brasília foi “cidade imaginária”, criada para ser capital. Mesmo seu projeto/plano piloto original, escolhido mediante concurso público, “permaneceu, em parte, imaginário, invisível”, em decorrência de duas séries de fatores: as alterações definidas pelos executores do Plano, e as transformações resultantes da própria vida e

¹² AMORIM, Rovênia. Op.cit.

¹³ Idem.

¹⁴ Prédio que está sendo chamado, por muitos moradores, de “Cinqüentão”, e para o qual se buscam “finalidades alternativas”.

¹⁵ ANDRADE, Rômulo. Re: Vamos ocupar o “Cinqüentão” [mensagem para grupo]. Mensagem recebida por neiva3@terra.com.br em 13 março 2010.

¹⁶ FREITAG, Bárbara. **Brasília**: cidade de muitas cidades. Brasília: Correio Braziliense, 06.08.2000. p.5.



“posse” da capital por seus moradores. Bárbara aponta transformações que os habitantes foram inventando para a cidade inventada, e a criação ou revitalização de outras áreas.

Nessas alterações, transformações e apropriações de Brasília por seus moradores e pelos brasileiros que a têm como capital, podemos encontrar pistas desse imaginário sobre Brasília que se expressa quando se pensa nela como “cidade de muitas cidades”, ou associada ao inteiro Distrito Federal que a abriga.

Assim, por um lado, concordo com os alertas de Lassance sobre a necessidade de que sejam conhecidos os “imperativos institucionais”¹⁷, bem como as definições administrativas e geográficas oficiais, que possibilitam a utilização “correta” dos termos Brasília, Distrito Federal, *cidade*, *região administrativa*.

Ao mesmo tempo, reconheço a trajetória peculiar da capital e a *geografia* que foi sendo criada por quem a habita ou dela tem notícias. Esse reconhecimento nos faz ver, na recorrente utilização imprecisa de termos e limites, mais que *erro* ou inadequações: ali podemos ter indicações de um imaginário sobre Brasília que a amplia ou reduz, conforme o olhar, o lugar de fala, o assunto, a circunstância.

Volto, então, aos estudos de Aldo Paviani. Em 2005, o autor reafirma as peculiaridades da constituição do atual Distrito Federal, e avalia aquele imaginário (sem usar essa expressão): “Considerando que é a população que consolida a denominação, não há como deixar de acatar a geografia e a toponímia por ela criada”¹⁸.

Já em 1987, na apresentação de “Urbanização e Metropolização”, Paviani esclarecia que Brasília era ali considerada como o “Distrito Federal urbano” (“isto é, formada por um centro que é o Plano Piloto e por uma periferia, as cidades-satélites”)¹⁹.

Em 2001, apresentando-se como “geógrafo, que acompanhou a evolução urbana de Brasília, desde o fim dos anos 60”, Paviani explicava por que entendia a *cidade* “como um todo”. Referia-se ao processo de expansão da cidade, “que foi pensada para se circunscrever ao Plano Piloto, [e que] extrapolou para uma constelação de cidades”²⁰.

Paviani retoma a noção de “cidade polinucleada”, reafirmando, em 2005, que “o processo de urbanização da capital brasileira não se desenvolveu da maneira planejada, no decorrer dos anos; evoluiu para o que denominamos ‘cidade polinucleada’ ou

¹⁷ LASSANCE, A. **Brasília & Distrito Federal – imperativos institucionais**. Brasília: Verano; IHGDF, 2002.

¹⁸ PAVIANI, A. **Brasília Complexa**. Correio Braziliense, 19.04.2005. Disponível em CMI Brasil. Centro de Mídia Independente. <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/04/314210.shtml>. Acesso em 20.03.2008.

¹⁹ PAVIANI, A. Apresentação. In: _____ (org.). **Urbanização e Metropolização**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan, 1987. p.14.

²⁰ Idem. **A Brasília de todos os brasileiros**. op.cit.



núcleos esparsos no território”²¹ – ensejando “uma geografia urbana complexa e *sui generis*, que não encontra paralelo no país”.

Por ocasião do Simpósio “Brasília 50 anos: diferentes olhares sobre a cidade”²², realizado no início de junho de 2010, na Universidade de Brasília, Paviani reitera e atualiza sua posição, referindo-se a toda a região do DF como “Brasília”.

Assim, continuo convivendo com as definições oficiais da geografia e da “prática turística”, e também com termos e descrições *sui generis* das itinerâncias de suas representações cotidianas. Volto às representações de jovens moradores do Distrito Federal sobre Brasília e sobre Turismo, e entre eles encontro também embates de significados e de interpretações.

2. Visitando a capital: impressões de jovens universitários

A cidade de Brasília fica fora da cidade.
Clarice Lispector²³

Desde dezembro de 2009, sou professora visitante do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília. Gosto dessa designação de “visitante”, que parece me permitir a fruição da curiosidade e da descoberta “em minha própria terra”.

Além disso, a condição da “visita” me permitiu perceber mais receptivamente as referências às quais meus antigos alunos da Universidade Católica de Brasília se remetiam quando o assunto era Brasília. Um deles, contando sua trajetória de morador de Águas Claras, trouxe uma ideia muito presente nas histórias desses estudantes:

Moro em Águas Claras. Na verdade, moro na mesma rua há quase dez anos. Mas quando comecei o Curso na Católica, meu endereço era “Taguatinga”. Isso porque em 2003 um lugar foi desmembrado do outro, e nasceu Águas Claras. Nunca vou ao Plano Piloto. Toda minha vida é aqui mesmo: a Universidade, o trabalho, os amigos, as baladas. Mas quando viajei para a casa da minha avó, no Ceará, eu sempre dizia que moro em Brasília. É mais fácil dizer assim, fica mais simples de entender.

A meu ver, essa “simplificação” consiste em representar o espaço de forma homogênea, considerando que Águas Claras é Brasília (quando, oficialmente, Águas Claras é *uma* das “cidades” do Distrito Federal, tanto quanto Brasília é). Entretanto, essa representação contrasta com a percepção desse estudante (e de muitos de seus colegas)

²¹ Idem. **Brasília Complexa**. op.cit.

²² Simpósio “Brasília 50 anos: diferentes olhares sobre a cidade”. Universidade de Brasília, 1º e 2 de junho de 2010. Aldo Paviani foi debatedor na conferência de Abílio Guerra – “Uma breve história intelectual da superquadra”.

²³ LISPECTOR, Clarice. Brasília. **Para não esquecer**: crônicas. São Paulo: Ática, 1984. [crônicas de 1962 e 1974].



quando é desafiado a se identificar como morador da capital, ou ao se deslocar, de seu local de moradia, para a Brasília-capital.

Tive oportunidade de observar esse contraste em várias ocasiões, das quais destaco duas: a primeira, quando os alunos de uma turma do Curso de Comunicação Social²⁴ responderam, em sala de aula, a algumas questões sobre turismo; a segunda, quando um grupo de estudantes de Arquitetura e Urbanismo²⁵ se deslocou de Águas Claras para “visitar” a Superquadra 108 Sul²⁶ e arredores.

Dos cinquenta e cinco alunos de Comunicação Social que se pronunciaram, mais de 70% moram nas redondezas da Católica – em Águas Claras, Taguatinga, Ceilândia. Duas vêm de municípios goianos considerados do “Entorno” do DF. Apenas duas moram em Brasília, e outra vem da pioneira Vila Telebrasília, englobada nos limites da capital.

Eram três as questões a serem respondidas: O que significa “turismo” para você?; Você conhece Brasília?; Cite locais que você considera “turísticos” em Brasília.

Nas interpretações²⁷ pessoais sobre o significado de “turismo”, destacou-se a idéia do conhecimento associado às novidades que são proporcionadas por uma prática de passeios e visitas a locais diferentes daqueles de convívio cotidiano:

Turismo é conhecer lugares novos, culturas e costumes diferentes, e a história desses lugares – em cidades próximas ou distantes.

[...] Conhecer lugares e fazer algo nesses lugares para se aproveitar o momento.

Significa ser levado a conhecer algum lugar ao qual tenha sido atribuído algum valor. É ser dado a conhecer algo que você nunca viu e, assim, reconhecer a importância do lugar e de seus símbolos.

Turismo significa conhecimento. Os lugares não precisam ter um espaço construído, mas sim uma grande história.

Turismo é passear por onde não conhecemos.

É um passeio, uma visita para fins de entretenimento e conhecimento.

É conhecer, visitar algum lugar – não sei se necessariamente seria algo novo. Ou passear em um lugar que te desperte interesse.

Turismo é sair de seu lugar de convívio e conhecer outros lugares, outras culturas, buscar novas informações, novos horizontes, mais conhecimento e vivência.

²⁴ Disciplina “Realidade Brasileira e Regional”. Professora Ivany Câmara Neiva. Setembro, 2009.

²⁵ Disciplina “Introdução a Arquitetura e Urbanismo”. Professor Frederico Barboza Junior. Março, 2010.

²⁶ SQS 108. Foram visitadas também as SQS 107, 308, 207, 208, 407, 408.

²⁷ Não tinha havido leitura ou discussão prévia sobre o assunto.



Aventura do curioso em um curto prazo de tempo.

Turismo é sair, passear, ir a locais aonde não costumo ir com frequência.

Em algumas respostas já aparecem fundamentos dos contrastes de pertencimento dos alunos, que oscilam entre conhecer Brasília, ou não, e entre considerá-la “seu lugar” ou “lugar fora do de sua moradia”:

Turismo é visitar lugares que tenham algo que chame atenção, isso na própria cidade ou em outros lugares do mundo.

É conhecer algo ou algum lugar, sendo perto ou não de onde o indivíduo vive.

Turismo é visitar locais desconhecidos. [...] É conhecer a essência da cidade, o que pode ocorrer no próprio local onde se mora.

Quase a totalidade dos estudantes respondeu que “conheciam” Brasília. Mas observamos que, para muitos deles, esse conhecimento é mais virtual que presencial. Vale citar algumas observações feitas:

Não, não conheço Brasília.

Conheço Brasília muito mal.

Conheço Brasília numa noção geral.

Não conheço Brasília muito bem. Mas cada dia posso conhecer um lugar novo.

Quando vou a Brasília, vou meio como turista.

Nem gosto de dizer isso, mas conheço Brasília mais pela internet e pela TV.

Tem ônibus e metrô fácil prá lá. Já fui para conhecer a arquitetura.

Gosto de ir a Brasília. Lá, me sinto quase uma turista, porque não conheço muito e é longe de onde moro.

Vou a Brasília (vou ao Plano...), mais, para levar parentes de fora para conhecer.

Esses comentários me lembram outros, como o de um guardador de carros, no centro de Taguatinga, numa conversa sobre lugares de Brasília: “O Congresso Nacional? Já vi sim, na televisão”²⁸.

²⁸ Conversa de rua. Taguatinga / DF, março de 2007. In: NEIVA, Ivany Câmara. **Imaginando a capital**: cartas a JK (1956-1961). Tese de Doutorado em História Cultural. Brasília: UnB, 2008. p.171.

Todos aqueles alunos citam locais que consideram “pontos turísticos” de Brasília. Alguns já os visitaram, outros os conhecem pela mídia. Como nos mapas, *folders* e *sites*, e como anunciam muitos dos guias turísticos, os dez locais mais lembrados são a Torre de TV, o Parque da Cidade, a Esplanada dos Ministérios, a Catedral, a Ponte JK, o Memorial JK, o Pontão do Lago Sul, a Praça dos Três Poderes, o Congresso Nacional, o Palácio da Alvorada.

Em outra ocasião, acompanhamos um grupo de estudantes de Arquitetura e Urbanismo²⁹ em seu roteiro guiado, por locais emblemáticos do plano urbanístico original de Brasília. Eram, também, alunos que moravam predominantemente entre as cidades de Samambaia e Vicente Pires, em especial Taguatinga, Águas Claras, Ceilândia.

O mesmo professor que os guiou dessa vez já havia feito esse roteiro com alunos do Curso de Comunicação Social, e as conversas apontavam para a mesma constatação: muitos deles não conheciam Brasília, e ali estavam como visitantes pela primeira vez. Estivemos na Igreja³⁰, observamos os cobogós³¹ dos prédios e os amplos espaços entre os pilotis, os gramados, a inclinação das vias entre as quadras de centena 300, passando pelas 100 e descendo até as 200 e 400³².

Eram novidades e descobertas feitas a pé, em uma cidade até então conhecida por muitos deles virtualmente, pela *internet*, pela mídia impressa ou pela TV, ou, talvez, em mapas e plantas. Também entre eles se repetiam as expressões “turista” ou “quase-turista”, como auto-referência de quem estava em Brasília.



foto 1

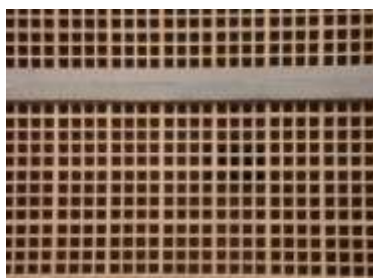


foto 2



foto 3

²⁹ Foto 1: Grupo de alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Saída da Estação do Metrô da SQS 108. Ivany Câmara Neiva. Março de 2010.

³⁰ Igreja Nossa Senhora de Fátima, projeto de Niemeyer, na Entrequadra 307/308 Sul.

³¹ Cobogó - tijolo perfurado ou elemento vazado [...], utilizado na construção de paredes ou fachadas perfuradas, com a função de quebra-sol ou para separar o interior do exterior, sem prejuízo da luz natural e da ventilação. Dicionário Houaiss. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=cobog%F3&stipe=k>. Acesso em 25.05.2010.

Foto 2: Cobogós. Bloco da SQS 207. Ivany Câmara Neiva. Março de 2010.

³² Foto 3: Passagem subterrânea entre Eixos Oeste e Leste, na altura das SQS 108 e 208.



3. Inquietações conceituais

Sou um viajante, você é um turista, ele é um excursionista.
Keith Waterhouse³³

Nesse campo diversificado e dinâmico do Turismo (no âmbito acadêmico e nas práticas turísticas), mantêm-se atuais as discussões sobre concepções e definições – disciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares, transdisciplinares, transversais.

Nesse esforço crítico e criativo, temos um arcabouço conceitual que nos possibilita (“a quem se dedica a esse campo”) partilhar um referencial comum³⁴. Trata-se das definições adotadas pela Organização Mundial de Turismo³⁵, aceitas internacionalmente como oficiais.

Segundo tais conceitos, nossos estudantes da Católica que contam suas experiências de conhecer Brasília não são “turistas”. Estritamente, seriam “excursionistas” ou, em alguns casos, “visitantes”.

É conhecida a conceituação da OMT sobre Turismo:

O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.³⁶

A definição de “turista” decorre dela, e enfatiza a duração da permanência no local “diferente” daquele cotidiano da pessoa: é considerado “turista” todo visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas.

Mas nem todos os “viajantes” se enquadram nesses limites conceituais. Há os casos do “visitante” (que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a

³³ WATERHOUSE, K. **Theory and Practice of Travel**. Londres: Hodder & Stoughton, 1989. Apud URRY, J. **Olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. [p. 5]. O autor se refere aos conceitos de Turismo, segundo a OMT.

³⁴ NOGUERO, F.T. El concepto de turismo según la OMT. In: NECHAR, Marcelino Castillo e PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del Turismo** – estudios críticos. México: Trillas, 2010. p.174.

³⁵ World Tourism Organization (UN-WTO)/Organização Mundial de Turismo (OMT). A WTO é a agência das Nações Unidas (ONU) especializada no campo do turismo.

³⁶ World Tourism Organization. **Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism**. 1998. Disponível em <http://www.e-unwto.org/content/x122w3/fulltext.pdf>. Acesso em 11.03.2010. p.17. Ver também os documentos da WTO: **Recommendations on Tourism Statistics (1994)** e **International Recommendations for Tourism Statistics 2008**.



de aí exercer uma atividade remunerada) e do “excursionista” (visitante temporário que permanece fora da sua residência habitual menos de 24 horas).

Certamente, essas definições oficiais não são as únicas, no amplo universo das questões do Turismo³⁷. Das “muitas visões diferentes”, lembro aqui a escolha de Susana Gastal, ao esclarecer, no contexto de seu livro “Turismo, Imagens e Imaginários”³⁸, que “falar em turismo significará fazer referência àquelas pessoas que *saem das suas rotinas espaciais e temporais* por um período de tempo determinado”³⁹.

A autora considera “turistas”, também, “mesmo aquelas pessoas que, morando numa grande cidade, num determinado bairro, aproveitam o fim de semana para buscar outros espaços nessa mesma cidade”⁴⁰.

No caso dos estudantes com quem conversamos, essa busca de outros espaços não se dava apenas em “fins de semana”, mas também em dias de segunda a sexta feira, dias de aulas “externas”... O que importava, na caracterização de Brasília para eles, era a situação de busca, de descoberta, de novidade, “para além do ‘bairro’⁴¹ de residência”⁴².

Observo que as impressões manifestadas indicam que predomina, entre os estudantes, a auto-identificação como “quase-turistas” ou expressões de sentido semelhante. Esse “quase” revelou, por vezes, certa inquietação acadêmica quanto à adequação do conceito. Mas, nas conversas que mantivemos, observamos que a inquietação vinha, mais, do confronto entre “sentir-se de fora” ou de “sentir-se parte” de Brasília, sentindo-se “na mesma cidade”:

Vindo aqui à Igrejinha, me sinto “quase-turista”, porque é um lugar ao mesmo tempo tão perto e tão longe do meu dia-a-dia. Moro em Taguatinga e minha casa fica a uns trinta quilômetros aqui da Igrejinha. Sinto mesmo como se estivesse “de turista” numa outra cidade... Mas quando me perguntam, muitas vezes eu respondo que moro em Brasília...

Penso que aqui acontece parecido com outras cidades. Por exemplo, fui visitar uns primos em São Paulo, na capital mesmo, mas a casa deles é num bairro afastado do centro. Eles nunca tinham ido a lugares turísticos de lá, como a Praça da Sé ou o Anhangabaú. O endereço deles é São Paulo, SP, o turista era eu, mas eles ficavam meio turistas, quando me levavam para andar pelo centro... Uma diferença é que

³⁷ O assunto é tratado, por exemplo, por Margarita Barreto: BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17.ed. Campinas: Papirus, 2008. p.9 e seguintes.

³⁸ GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

³⁹ Idem, p.12. Foi mantido o itálico.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Aspas nossas em ‘bairro’, já que a expressão não é usual no Distrito Federal.

⁴² GASTAL, S., op.cit., p.12.



aqui no DF não tem bairro, e a população do DF todo é quase umas cinco vezes menor que a cidade de São Paulo...

A propósito das classificações do “turista”, Susana Gastal questiona o que pode haver em comum, por exemplo, “entre um deslocamento para além das fronteiras nacionais” e esses, para além (ou mesmo dentro) de fronteiras locais. E responde: “há o estranhamento, o prazer e uma certa ansiedade diante do desconhecido e do novo”⁴³.

Acrescenta a autora que há em comum, nos diferentes tipos de deslocamento, “a presença de imagens e imaginários”. Estão presentes as *imagens* porque, como registrado na trajetória de vida dos nossos estudantes,

antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele *visualmente*, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por intermédio dos velhos e queridos cartões-postais.⁴⁴

E estão presentes *imaginários* “porque as pessoas terão *sentimentos*, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação”⁴⁵, que as levarão a construir representações e interpretações sobre o que vivenciam, sobre o que conhecem ou desconhecem.

A discussão sobre imagens e imaginários no Turismo me faz lembrar as aproximações conceituais de Juremir Machado sobre o imaginário, como quando fala no “tecido imaginal”, e também em “idas e vindas”: “Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um porto, é ponto de chegada e de partida”⁴⁶.

No caso aqui considerado (do “turismo em Brasília” para os estudantes entrevistados), em dois momentos se pode tratar de expressões do imaginário, “cravado no histórico-social”, como dizia Castoriadis⁴⁷. De novo me reporto a Juremir Machado, quando se refere ao imaginário, que “emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor”⁴⁸.

O primeiro momento a que nos referimos foi o da oscilação entre a configuração oficial do Distrito Federal, e aquela ressignificada ao longo do tempo pelos moradores do DF. Como vimos, a geografia e a legislação nos ditam que Brasília é a capital do país

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Idem, p.13.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p.7. 11.

⁴⁷ CASTORIADIS, C. A criação histórica e a instituição da sociedade. In: CASTORIADIS, C. et al.. **A criação histórica**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; Artes e Ofícios Editora Ltda., 1992. p. 83-108. *passim*.

⁴⁸ SILVA, Juremir Machado da. Op.cit., p.12.



e uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal. Mas, no dia-a-dia das trinta RA, o nome de Brasília por vezes se sobrepõe às denominações locais e designa todo o DF.

Encontramos diferentes expressões do imaginário sobre o pertencimento dos moradores, seja ao abrangente Distrito Federal, seja aos seus locais específicos de moradia, seja a essa totalidade idealizada de “Brasília”.

O segundo momento refere-se às representações sobre Turismo. Associadas àquela variedade de nomes, fronteiras e identidades, também as noções de “turista” transitam entre as impressões desses estudantes.

Das impressões sobre Brasília e sobre o Turismo, desses estudantes, afloram marcas de imaginários e indícios de realidades em construção. Afloram, em decorrência disso, questões que merecem discussão, ligadas à conceituação de Turismo e de turista.

Volto, então, à observação de Félix Tomillo Noguero, quando apresenta a conceituação da OMT “não porque seja a melhor”, mas porque, no momento, trata-se “da única possibilidade [...] de que falemos o mesmo idioma e aproveitemos a oportunidade de nos entendermos”⁴⁹. Tento confrontar as definições oficiais com aquelas impressões reveladas pelos alunos e reconheço que se expressam, ali, marcas de um imaginário construído a partir de suas trajetórias de vida, de sua vivência atual e de sua auto-identificação em relação a Brasília.

Parafraseando Waterhouse⁵⁰, sugiro, como desafio para discussão, que uma nova epígrafe possa ser construída. Nesse nosso caso de Brasília, poderia ser dito:

Sei que às vezes sou viajante, às vezes excursionista, mas me sinto um “quase-turista” na capital de meu país.

A partir dessa experiência com as impressões de jovens moradores do Distrito Federal, para mim se reforça a necessidade (que compartilho com pesquisadores da área de conhecimento do Turismo), de discutir a dimensão imaginária das viagens, das excursões, do turismo.

⁴⁹ NOGUERO, F.T. Op.cit. p.174.

⁵⁰ WATERHOUSE, K. Op.cit.



REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17.ed. Campinas: Papirus, 2008.

CASTORIADIS, C. A criação histórica e a instituição da sociedade. In: CASTORIADIS, C. et al.. **A criação histórica**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; Artes e Ofícios Editora Ltda., 1992. p.83-108.

COELHO, Carla Naoum. **Brasília: 50 anos de lugar ou de não-lugar? Relações comunicacionais nos cenários da vida cotidiana**. Mestrado em Comunicação. Relatório de Qualificação. Universidade Católica de Brasília. Brasília, junho de 2010.

FREITAS, Conceição. **Só em caso de amor: 100 crônicas para conhecer Brasília**. Brasília: LGE Editora, 2009.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

LASSANCE, Adalberto. **Brasília & Distrito Federal – imperativos institucionais**. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002.

NEIVA, Ivany Câmara. **Imaginando a capital: cartas a JK (1956-1961)**. Tese de Doutorado em História Cultural. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

NOGUERO, Felix Tomillo. El concepto de turismo según la OMT. In: NECHAR, Marcelino Castillo e PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología del Turismo – estudios críticos**. México: Trillas, 2010.

PAVIANI, Aldo (org.). **Urbanização e Metropolização**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.

SILVA, A.I. e SIQUEIRA, E.D. **Fazer turismo em sua própria cidade: notas para uma antropologia do city tour do projeto “Viver Juiz de Fora – descubra esta cidade”**. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal, RN, 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0706-1.pdf>. Acesso em 08.03.2010.

SIQUEIRA, Euler David. O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo. In: **25a. RBA – Reunião Brasileira de Antropologia**, Goiânia, Goiás. De 11 a 14 de junho de 2006, Campus da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás. Anais da 25a. RBA – Reunião brasileira de antropologia: RBA, 2006. CD-ROM.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

UN-WTO (United Nations. World Tourism Organization). **Guide for Local Authorities on Developing Sustainable Tourism**. 1998. Disponível em <http://www.e-unwto.org/content/x122w3/fulltext.pdf>. Acesso em 11.03.2010.

_____. **International Recommendations for Tourism Statistics 2008**. Madri e New York, 2008. Disponível em <http://unstats.un.org/unsd/tradeserv/IRTS%202008%20edited%20whitecover.pdf>. Acesso em 05.06.2010.



_____. **Recommendations on Tourism Statistics**. Madri e New York, 1994. Disponível em http://unstats.un.org/unsd/newsletter/unsd_workshops/tourism/st_esa_stat_ser_M_83.pdf. Acesso em 05.06.2010.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Studio Nobel: SESC, 2001.

WAINBERG, J. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

Artigos em periódicos

AMORIM, Rovênia. **Eu amo Brasília** - muito mais que o Plano. Brasília. Correio Braziliense. 09.07.2000. Cidades, p.13.

FREITAG, Bárbara. **Brasília: cidade de muitas cidades**. Brasília: Correio Braziliense, 06.08.2000. p.5.

FREITAS, Conceição. **Só para sonhadores**. Brasília, Correio Braziliense, 10.04.2005. p.30.

PAVIANI, Aldo. **A Brasília de todos os brasileiros**. Correio Braziliense, 04.05.2001 p.5.

PAVIANI, Aldo. **Brasília Complexa**. Disponível em Centro de Mídia Independente Brasil. <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/04/314210.shtml>. Acesso em 17.05.2010.